

aluguel, nos raros palácios e igrejas da nova Lisboa, podemos distinguir uma mistura de estilos dominado por um canon “manierista”, mas em que se manifesta também uma influência “borrominesca”. A formação militar dos arquitetos da Reconstrução imprimiu igualmente sua marca no que se deve chamar de “estilo pombalino” que tende, empiricamente, para o neo-classicismo.

A nova Lisboa exprimiu os princípios de um grande movimento europeu e exemplificando indicamos o castelo de Queluz, construído ao mesmo tempo a algumas léguas da capital, que não faz mais que sublinhar a originalidade da Lisboa de Pombal, verdadeira “cidade das luzes”.

E. S. P.

*

CHAUNU (Pierre). — *L'Amérique et les Amériques*. Coleção “Destins du Monde”, Librairie Armand Colin. Orleans, 1964.

Pierre Chaunu é professor de História Moderna na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Caen, bem como do Instituto de Altos Estudos da América Latina da Universidade de Paris.

Aluno de Lucien Febvre e de Fernand Braudel, sua obra, já vasta, insere-se no caminho traçado pelos mestres e a êle devemos diversos trabalhos e numerosos artigos. Especialista em História Econômica, consagrou, entre outros, catorze volumes ao estudo das relações marítimas dos ibéricos no Atlântico e no Pacífico nos séculos XVI e XVII. Igualmente especialista em História Hispano-americana, vista como um campo de estudo, Pierre Chaunu apoia-se na dinâmica conjuntural, não para se limitar a uma explicação materialista da História, mas para tentar uma explicação total onde o fator econômico é muito menos causa do que consequência. Desta forma, conforme dados de contra-capa, foi particularmente qualificado pela direção da coleção para escrever o exemplar sôbre a América.

O autor não informa se elaborou esta obra sôzinho ou com colaboradores, mas em trabalhos anteriores contou com o auxílio de sua esposa Huguete Chaunu. Tal foi o caso de *Sevilha* e o *Atlântico*.

L'Amérique et les Amériques se compõe de cinco livros reunidos num único volume de 470 páginas, sendo 348 de texto propriamente dito. Completam a obra 200 ilustrações: lâminas coloridas e em preto e branco; 15 mapas originais; 14 gráficos; 90 figuras no texto. E mais: tábuas cronológicas comparadas (América do Norte: Estados Unidos e Canadá; América Central; América do Sul e O Mundo e a América), orientação bibliográfica, índice de nomes de pessoas, de lugares, índice de assuntos, léxico, índice de mapas, gráficos; fontes de ilustrações e plano da obra.

No prefácio de *L'Amérique et les Amériques*, Pierre Chaunu deixa bem claro seu principal objetivo: tentar elaborar a História “una” das Américas, isto é, o desejo de não fazer uma História fragmen-

tada das 21 repúblicas que a compõem, mas uma História do mundo na América. Reconhece a dificuldade da empresa, uma vez que o nível de pesquisa histórica é muito desproporcional nos diversos países americanos. Daí sentiu a necessidade de uma síntese difícil, mas necessária.

Livro I — *Grammaire de l'histoire américaine* — O autor não explica o que quis dizer com “gramática”, e o próprio comentador da contra-capa pergunta se com isso não terá êle querido dizer “leis”. O certo é que neste primeiro livro Chaunu aborda fatos que, segundo sua opinião, devem ser levados em consideração no tratamento da História das Américas. São noções de ordens geográficas, socialógicas e metodológicas que devem estar sempre em mente para se compreender a seqüência da obra. Numa palavra, o diálogo, na América, do homem com o espaço e o tempo.

No primeiro capítulo o autor afirma que o continente americano não é o maior, mas o mais longo, sendo que sua estrutura meridiana explica a existência não de duas Américas mas de três continentes: uma América tropical de um lado e outro do equador, uma América do Norte e outra do Sul. Diz êle:

“La méridianité de l'Amérique a pesé d'une manière décisive sur le passé pré-colombien. Elle a contribué avec l'immensité au cloisonnement, à l'isolement des civilisations qui s'y sont succédés” (pág. 13).

Sem cair num determinismo geográfico, Chaunu insiste no meio sempre que êste influiu na História, particularmente sob o aspecto da produção. Em seguida vem uma rápida visão das origens do homem americano, o que é relativamente sucinto para o sub-título que a obra encerra: **de la Préhistoire à nos jours**. Algumas considerações são falhas:

“Le drame de l'humanité amérindienne, c'est n'avoir pu profiter de l'expérience des autres hommes, de l'Ancien Monde, les plus nombreux” (pág. 16).

Ora, Chaunu entra numa transposição de valores, da sua sociedade para as ameríndias, raciocínio êste há muito condenado pela moderna concepção de Sociologia (Ralfh Linton, **O Homem**).

No 2.º capítulo Chaunu preocupa-se com o ritmo do tempo na América, o qual chama de provincial em relação à História européia.

“Le temps américain est plus dense, plus chargé de modifications, donc court plus vite que le nôtre. Comment l'expliquer?” (pág. 41).

Conclui que a América teve de resumir em pouco tempo muitos séculos de experiência do Velho Mundo.

Livro II — **La première Amérique coloniale: celle de la Conquista.**

Remontando às raízes históricas dos séculos XIII e XIV, Chaunu fala das condições favoráveis que permitiram aos ibéricos de se ex-

pandirem para o mar. Seguem informações sôbre as viagens de Colombo e dados sôbre as densidades de povoamento na América colombiana.

Como já se pode notar neste primeiro capítulo, Chaunu denota uma quase que constante através desta obra: o alienamento da Europa, quiçá em virtude de seu objetivo de fazer uma História do mundo na América. Entretanto, até que ponto é válida semelhante visão da História? Quando se pensa que a civilização euro-americano resultou de um prolongamento condicionado da cultura européia, torna-se impossível — por mais renovadora que seja uma Filosofia da História — negligenciar a maneira pela qual pensavam e agiam dentro da estrutura social a que estavam presos os conquistadores e colonizadores das Américas. O comportamento europeu sim é que constitui fato elástico, passível de novas interpretações e não sua exclusão.

A América da conquista, tema do 2.º capítulo, reflete igual ponto de vista: nada se fala a respeito das grandes navegações portuguesas dos séculos X V e XVI, sendo Cabral levemente citado.

No que se refere às estruturas econômicas ligadas ao ouro e a prata, o autor mostra como se passou da simples drenagem do metal precioso acumulado pelas civilizações pré-colombianas para a exploração sistemática. Todavia nada fala sôbre as idéias mercantilistas da época, o que entra em choque com uma premissa que já conhece em outra passagem:

“L’option de la première colonisation, c’est l’or” (pág. 86).

A navegação e o comércio foram encarados sob o aspecto tempo-viagem-distância. O condicionamento social e político foi mais abordado sob o aspecto sociológico do que histórico: relações dominadores-dominados, doenças provenientes da Europa, quadros percentuais de óbitos indígenas, etc.

O capítulo 3.º trata das “outras Américas”: portuguesa, francesa, holandesa e inglesa.

No que se refere ao Brasil, Chaunu parte de fatos atuais: aspectos de geografia humana. Num dos tópicos fala do “Império do Açúcar” tratando muito pouco do complexo açucareiro, isto é, de todo esquema social ligado ao açúcar: o significado da economia açucareira na marcha da civilização brasileira. Na parte relativa à América inglesa não falou das razões que trouxeram os primeiros colonos para a América e suas intensões, fato êste que sendo tratado superficialmente compromete a compreensão de seu ulterior comportamento na América. A colonização foi igualmente mal caracterizada.

Livro III — *Amérique coloniale multiple et repliée.*

O 1.º capítulo é consagrado à América espanhola; mostra seu estacionamento quando decai a febre do ouro. Aponta como caracteris-

tica um menor crescimento. Seguem análises sôbre a estabilidade administrativa, conquistas espiritual e lingüística.

No 2.º capítulo aborda as “Américas em marcha”, sendo o Brasil objeto de especial atenção. Quando estuda o movimento expansionista dos bandeirantes não cita um nome próprio sequer, sem que isto prejudique a compreensão do fenômeno, todavia não os diferencia de “entradas” e nem fala a respeito de que tipo de empresa estavam ligados.

“De 1637 à 1641, sous l'administration de Johan Maurits de Nassau Siegen, le Brésil hollandais connait son âge d'or. Johan Maurits a su gagner les sympathies des grands planteurs. Hollandais et Portugais vivent ces années-là en bonne intelligence” (pág. 138).

Talvez por Pierre Chaunu ser europeu não reconhece a importância do “sentimento nativista” que começa a se esboçar, e por isto nada fala a respeito, quando trata da expulsão dos holandeses do Brasil. Conforme vasta documentação pode-se notar que se as relações Portugal-Holanda iam bem, as relações holandeses-brasileiros não eram das melhores, malgrado a boa administração de Nassau. Aliás, como se explicaria então sua expulsão?

Chaunu, tendo sempre em mente a idéia quantitativa, fala brevemente na produção aurífera do Brasil em relação à da América espanhola. Embora fale no aparecimento de Vila Rica, Mariana e São João Del Rey, não lhes atribui a real importância que tiveram para a vida econômica do Brasil e de Portugal; tão pouco fala das manifestações culturais decorrentes do ciclo do ouro. Em suma, a visão que se tem do Brasil neste item é muito deformada e há lacunas irreparáveis. O conflito ideológico da Inconfidência Mineira foi totalmente ignorado.

Posteriormente é analisado o surto açucareiro das Antilhas, conseqüente da decadência açucareira do Brasil. São igualmente analisadas as nascentes culturas da América inglesa: o tabaco na Virgínia; o papel dos **Quaquers**, o **melting pot**, a marcha para o oeste, o conflito franco-inglês.

Livro IV — Fins et survivances de L'Amérique coloniale.

O 1.º capítulo refere-se à América do Norte, ao seu movimento emancipador que é encarado do seguinte modo:

“L'Independance, ce n'est pas la fin, mais la modification des dépendances: en un mot, l'Amérique metropole de l'Amérique ne pourra cesser d'être coloniale qu'en devenant dominante” (pág. 166).

Segundo êle os Estados Unidos constituem a metrópole do continente inteiro .

No que tange a administração, Chaunu utilizou-se de certas generalizações que pouco esclarecem o leitor:

“L'administration des Treize Colonies est tout entière entre les mains, par un système representatif à l'anglaise, d'une aristocratic

assez largement ouverte de grands propriétaires au Sud, de propriétaires et négociants au Centre, de négociants au Nord" (pág. 173).

O 2.º capítulo tem por tema **L'Amérique Ibérique: le temps des catastrophes**. Procura antes de mais nada fazer uma análise das explicações tradicionais sobre os movimentos emancipadores da América Ibérica. Procura mostrar que a historiografia tradicional tem se limitado a explicar os movimentos de independência apenas em função dos abusos do regime colonial, do monopólio, das opressões que os nativos sofriam. Entretanto, segundo êle, embora estes fatos tenham pesado,

"La cause profonde de la rupture, c'est évidemment la croissance numérique des Créoles".

E' que os historiadores, "tomados pelo fogo das proclamações dos libertadores" perderam de vista as proporções de base. Na verdade somente os brancos são levados em consideração: 3.276.000 em 1820 na América espanhola, são 19% da população total: um pouco mais de 500.000 no Brasil da mesma época, ou seja, aproximadamente 1/4. Segundo seu parecer ainda, a América hispânica não estava pronta, no início do século XIX, para a ruptura do velho Império.

Livro V — **L'Amérique dominante (1865-196...?)**.

O título dêste livro denota de passagem certa intenção de prever, haja visto o segundo marco cronológico. A data de 1865 refere-se à guerra civil entre o norte e o sul dos Estados Unidos. Aí os Estados Unidos entram em condições de se desenvolverem cada vez mais até se tornarem a primeira potência industrial do mundo. Até quando vai êste poderio? Chauu parece prever para não além de 1970 (196...).

Êste último livro passa em retrospecto os problemas americanos desde meados do século XIX até nossos dias. Mostra como os Estados Unidos cresceram até se tornarem uma potência mundial. Entretanto, não trata cuidadosamente das importantes transformações políticas, econômicas e sociais por que passaram os Estados Unidos durante a chamada **Progressive Era** ou **Era of Reform**. Refere-se apenas às medidas anti-trustes e à organização de sindicatos trabalhistas (em tipo gráfico menor). O movimento anti-plutocrático no campo da política, alimentado pela literatura popular dos **muckrakers** que levou o país à democratização sob as gestões de Theodore Roosevelt, William Howard Taft e Wilson foi ignorado. Parece-me que é a adição dêstes fatores políticos, excluídos da conjuntura apenas sócio-econômica fornecida por Pierre Chauu, é que deram aos Estados Unidos condições de se projetarem entre as potências mundiais dominantes. O capítulo trata, outrossim, das relações econômicas dos Estados Unidos com a América Latina.

Como se pode imaginar facilmente, Chauu cai num erro ao analisar fatos muito recentes, ainda comprometidos com a atual conjuntura das Américas. A distância no tempo, segundo pensadores, é mui-

to importante para uma consideração serena dos fatos. Embora o autor se revele um observador atento aos fatos que se sucedem diãriamente, falta-lhe análise em profundidade.

“Le départ de Quadros, victime de sa propre surenchère, sous la pression des forces conservatrices, conduit le Brésil à deux doigts de la guerre civile évitée par un compromis qui place le progressiste João Goulart à la présidence, mais établit pour la première fois dans l'histoire constitutionnelle du Brésil republicain un régime parlementaire (1961)” (pág. 307).

Na conclusão de sua obra Chaunu se expressa nos seguintes termos:

“Au début des années 60, il n'y a plus, au vrai, d'histoire américaine; il y a, tout a plus, une modalité américaine de l'histoire du Monde”.

*

Voltando ao objetivo de Chaunu, isto é, de tentar fazer uma história “una” das Américas, pergunta-se se realmente conseguiu seu intento. Preliminarmente devemos considerar que só é possível dar unidade a aquilo que é unificável e, através da história das Américas vemos que nem sempre é possível encontrar um denominador comum. Com efeito, se os fatos forem encarados apenas sob seu aspecto econômico-social, encontraremos muitas atitudes semelhantes, resultantes de uma mesma ideologia européia ou americana. Entretanto num compêndio como o é *L'Amérique et les Amériques*, forçoso era ter-se uma visão global da marcha histórica nas Américas, o que é impossível, dadas as premissas, sob o aspecto de história “una”.

Na realidade Chaunu conseguiu dar uma certa unidade, mas com sacrifício de variantes locais e de aspectos ideológicos, culturais e administrativos que comprometeram a obra, vista como um compêndio. O mesmo talento de Pierre Chaunu, se utilizado na direção de um trabalho em equipe — dada a extensão da matéria — certamente teria resultado numa história mais una, ou pelo menos mostraria até onde vai sua viabilidade. Somente uma análise em profundidade, no espaço e no tempo, poderá mostrar ao final as linhas básicas da história nas Américas.

Lamentavelmente a obra não possui documentação alguma em rodapé de página: muitas de suas informações seriam preciosas quando comprovadas. Tão pouco com referência aos gráficos Chaunu se preocupou em citar as fontes dos informes nêles contidos.

O grande mérito de Chaunu foi o de tentar e ter conseguido com relativo sucesso a execução de uma tarefa bastante árdua e mesmo sentida como necessária para a historiografia americana: uma sistematização da História. Embora sua obra não dê uma visão satisfatória da História das Américas, constitui excelente complemento para a interpretação da mesma e quiçá modelo para futuros trabalhos. Chaunu deu à sua História uma dimensão sociológica e uma visão quantitativa, o que é muito importante pois a História já não é mais

oligárquica, deve ter “proporções de base”, para usar as palavras do próprio Pierre Chaunu.

A leitura de *L'Amérique et les Amériques* pressupõe muito conhecimento paralelo pois trata com familiaridade problemas estranhos sem ter a preocupação de explicá-los devidamente — o que constitui falha num compêndio. Veja-se como exemplo a citação de *Martin Fierro*. Sòmente os leitores familiarizados com literatura argentina, ou casualmente informados, poderão reconhecer neste o protagonista de um poema épico que leva seu nome. *Martin Fierro*, para maior esclarecimento é de autoria de José Hernandez e é marcante como representante da classe dos gaúchos argentinos. O mesmo se diga para a citação de Carolina Maria de Jesus (representada como talento literário e não como depoimento de uma condição) para um leitor não brasileiro. Outra pequena falha, de ordem geográfica: atualmente Cochabamba é uma cidade da Bolívia e não fica “au Pérou” (pág. 97).

Quanto à bibliografia utilizada por Chaunu é bastante vasta e variada. A leitura de sua obra revela ademais a qualidade de observador atento e atualizado no que se refere a notícias historiadas em jornais e outros meios de divulgação popular. Não se sabe se Chaunu ignora a existência da coleção *História Geral da Civilização Brasileira* dirigida pelo professor Sérgio Buarque de Holanda, mas o certo é que esta não consta em sua bibliografia. Esta coleção, já aplaudida pelos meios culturais brasileiros te-lo-ia auxiliado muito na representação do papel do Brasil na História.

EDUARDO A. YÁZIGI

*

POLITIQUE D'AUGUSTE COMTE. Textes choisis et présentés par Pierre Arnaud. Paris. Armand Colin, 1965, 391 pp.

Ao intentar, através do seu sistema filosófico e político, estabelecer uma nova ordem social, exclusivamente baseada nas indicações da ciência, apontou Augusto Comte as diversas instituições que inevitavelmente estavam fadadas a desaparecer. E, com isto, mexeu em tantos centros de resistência que foi de todos os lados violentamente atacado, acabando cercado por um cordão de isolamento que ainda perdura.

Pretendendo acabar com a guerra, a exploração colonial e toda modalidade de imperialismo ou de opressão dos fracos pelos fortes, levantou, desde logo, contra o seu sistema, em sua própria pátria, a massa quase unânime da nação, apegada ao colonialismo a qualquer preço, como ainda recentemente ocorria no caso da Argélia.

Insurgindo-se contra Bonaparte e sua política retrógrada, confessando que, ainda menino, fizera votos para que os espanhóis expulsassem de seu território as tropas invasoras do Corso que se contrapusera a todos os grandes ideais da Revolução Francesa, teve